



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O CHOQUE, A ALIANÇA, O CONTRATO
PERSPECTIVAS DA ALIANÇA DE CIVILIZAÇÕES FACE À
TEORIA DO CHOQUE DE SAMUEL HUNTINGTON E AO
ADVENTO DA PRIMAVERA ÁRABE

SUELY FERREIRA DE CARVALHO

PROFESSOR DOUTOR PIO PENNA FILHO

Orientador

BRASÍLIA
ABRIL 2011



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**O CHOQUE, A ALIANÇA, O CONTRATO
PERSPECTIVAS DA ALIANÇA DE CIVILIZAÇÕES FACE À
TEORIA DO CHOQUE DE SAMUEL HUNTINGTON E AO
ADVENTO DA PRIMAVERA ÁRABE**

SUELY FERREIRA DE CARVALHO

PROFESSOR DOUTOR PIO PENNA FILHO

Orientador

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO
DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB COMO
REQUISITO FINAL PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE ESPECIALISTA EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS.**

**BRASÍLIA
ABRIL DE 2011**

AUTOR: SUELY FERREIRA DE CARVALHO

TÍTULO DO TRABALHO: O CHOQUE, A ALIANÇA, O CONTRATO -
PERSPECTIVAS DA ALIANÇA DE CIVILIZAÇÕES FACE À TEORIA DO CHOQUE
DE SAMUEL HUNTINGTON E AO ADVENTO DA PRIMAVERA ÁRABE

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB COMO REQUISITO
FINAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE **ESPECIALISTA EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS.**

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR PIO PENNA FILHO

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR.

PROF. DR.

PROF. DR.

BRASÍLIA
ABRIL DE 2011

Agradecimentos

Adentrar uma nova área de estudos, conhecer outras ciências, é uma aventura para qualquer pesquisador. É no entrosamento entre as disciplinas que se consegue interpretar o mundo de forma policrônica. Misturando saberes, misturamos os tons que usamos para enxergar a realidade.

Este é o caminho que tenho buscado, graças à força divina que habita dentro de todos nós. É por isso que meu primeiro agradecimento vai para Ele, que me concede vontade, interesse, curiosidade e saúde para seguir em frente, buscando no meu caminho a melhor forma de compreender o mundo.

Agradeço igualmente aos meus pais a herança moral que sempre carregarei deles onde quer que eu ande e onde quer que eles agora estejam.

Aos meus filhos agradeço a oportunidade de lhes transmitir a mensagem que, ao lado do amor maternal, deve estar o amor pelos livros, pela ciência e pelo conhecimento.

Ao Professor Pio Penna Filho, agradeço pelo incentivo e desafios a mim feitos durante a escrita deste trabalho.

RESUMO

A Revolução de Jasmim – revolta iniciada na Tunísia a partir do final de 2010 – contaminou o mundo árabe e tem causado reflexos até na China. Ela seria uma renovação do que se convencionou chamar de Primavera Árabe. Os fatos que se desenrolam no momento da escrita deste trabalho parecem apontar para o reforço de valores reconhecidamente ocidentais na civilização islâmica, tais como democracia, direitos humanos e livre expressão. Seria este movimento o início da construção de um contrato civilizacional que se contraporía ao choque de civilizações anteriormente descrito? Os valores são parte integrante de uma cultura ou civilização; eles incrementam o discurso religioso dos povos e são usados para justificar ações políticas, sociais e militares. A Revolução de Jasmim corrobora a assertiva de que a globalização, aliada a interesses econômicos e políticos, colaborou sobremaneira com a absorção de valores ocidentais pela comunidade islâmica, fragilizando a Teoria do Choque de Civilizações construída por Samuel Huntington. Os apelos contrários e a favor dessa linha teórica levaram as Nações Unidas a alavancar a Aliança de Civilizações (UNAOC), iniciativa surgida com o objetivo de traçar ações de promoção do diálogo intercivilizacional e da integração das diversas culturas. Com o advento das revoluções no Mundo Árabe, mais do que nunca as idéias do Professor de Harvard estão sendo postas em cheque. Este trabalho visa contextualizar as idéias de Samuel Huntington nos dias atuais. No Capítulo 1 apresentamos alguns pressupostos da Teoria do Choque, discutimos polêmicas geradas em razão de conceitos, semelhanças e dessemelhanças culturais e reavivamos a Doutrina do Destino Manifesto. No Capítulo 2 delineamos o projeto das Nações Unidas e proporcionamos uma visão geral da Aliança de Civilizações (AoC) para o tratamento do choque civilizacional, discutindo os valores defendidos pela iniciativa das Nações Unidas. No último capítulo procuramos analisar o significado da Revolução de Jasmim no contexto da Teoria do Choque e discutimos que contrato entre o Islã e o Ocidente pode surgir em razão de um pretenso desacordo intercultural, com base nas propostas das Nações Unidas e no aporte teórico de Samuel Huntington.

Palavras-chave: Choque de Civilizações, Aliança de Civilizações, Primavera Árabe, Revolução de Jasmim, Destino Manifesto Islâmico, valores culturais, valores compartilhados.

ABSTRACT

The Revolution of Jasmine - revolt started in Tunisia from the end of 2010 - has infected the Arab world and tends to involve even China. It would be a renewal of the so-called Arab Spring. The events that unfold during the writing of this work seem to point to the strengthening of values known as Westerners in Islamic civilization, such as democracy, human rights and free expression. Would this movement start the construction of a contract in order to counterbalance the clash of civilizations? Values are an integral part of a culture or civilization; they enhance the religious discourse and are used to justify political and social actions. The Revolution of Jasmine supports the assertion that globalization, coupled with economic and political interests, cooperated greatly with the absorption of Western values by the Islamic community, weakening the theory of Clash of Civilizations built by Samuel Huntington. Appeals against and in favor of this theoretical line led the UN to leverage the Alliance of Civilizations. The initiative emerged with the aim of promoting cross-cultural and interfaith dialogue, in addition to integrating different cultures. The advent of revolutions in the Arab world is putting in check the ideas of the Professor at Harvard once more. This study aims to explore the initiatives of the Alliance against the ideas of Samuel Huntington and its prospects for success. In the Chapter 1 is presented the assumptions of the Theory of Clash of Civilizations and the author's proposals for solving the conflict. In the Chapter 2 the UN project is outlined and a general vision of the Alliance of Civilizations for dealing with the clash is also provided. The values espoused by the UNAOC are also discussed. In the last chapter, the meaning of The Revolution of Jasmine in the context of the clash is highlighted and a proposed contract between West and Islam is considered to deal with an alleged intercultural disagreement. This contract would be sustained upon AoC proposals to remedy the clash between the two civilizations (West and Islam), in view of the theoretical model of Samuel Huntington.

Sumário

RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	VI
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES: PRESSUPOSTOS, CRÍTICAS E PROPOSTAS DE RECONCILIAÇÃO.....	4
1.1. A QUESTÃO DOS CONCEITOS: CULTURA E CIVILIZAÇÃO.....	4
1.2. A QUESTÃO DAS SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS.....	6
1.3. AINDA O DESTINO MANIFESTO.....	18
CAPÍTULO 2 - A ALIANÇA DE CIVILIZAÇÕES: PONTOS DE TRATAMENTO DO CHOQUE E <i>MODUS OPERANDI</i>	21
2.1. QUATRO BASES SUSTENTAM MELHOR UMA MESA.....	22
2.2. AÇÕES PRÁTICAS DA UNAOC.....	25
2.3. OS VALORES OCIDENTAIS DA ALIANÇA.....	31
CAPÍTULO 3 - O CONTRATO POSSÍVEL.....	34
3.1. A REVOLUÇÃO QUE APAZIGUA.....	34
3.2. UMA ALIANÇA COM HUNTINGTON.....	37
3.3. UMA CIVILIZAÇÃO UNIVERSAL.....	39
CHOQUE DE CONCLUSÕES.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
LISTA DE FIGURAS.....	46

INTRODUÇÃO

É com perplexidade que os analistas internacionais assistem aos eventos atuais, que parecem demonstrar uma nova onda de democratização em parte do mundo islâmico. A Revolução de Jasmim – revolta iniciada na Tunísia a partir do final de 2010 – contaminou o mundo árabe e tem causado reflexos até na China. Ela seria uma renovação do que se convencionou chamar de Primavera Árabe. Os fatos que se desenrolam no momento da escrita deste trabalho parecem apontar para o reforço de valores reconhecidamente ocidentais no Mundo Árabe, tais como democracia, direitos humanos e livre expressão. Seria este movimento o início da construção de um contrato civilizacional que se contraporá ao choque de civilizações anteriormente descrito?

Os valores são parte integrante de uma cultura ou civilização; eles incrementam o discurso religioso dos povos e são usados para justificar ações políticas, sociais e militares. A Revolução de Jasmim corrobora a assertiva de que a globalização, aliada a interesses econômicos e políticos, colaborou sobremaneira com a absorção de valores ocidentais no Mundo Árabe.

Os apelos contrários e a favor dessa linha teórica levaram as Nações Unidas a alavancar a Aliança de Civilizações (UNAOC), iniciativa surgida com o objetivo de traçar ações de promoção do diálogo intercivilizacional e da integração das diversas culturas. Em 2005, por iniciativa dos governos da Espanha e da Turquia, o Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, lançou a Aliança de Civilizações (AoC), projeto surgido em meio à ansiedade e confusão criadas pela Teoria do Choque de Civilizações, abordada por Samuel Huntington em sua obra “O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”, de 1996. Membros de um Grupo de Alto Nível, composto por vinte personalidades, representando os vários continentes, se reuniram para destacar os principais pontos que deveriam ser tratados pelo projeto.

O grupo sustentou a argumentação de que a imagem de um mundo composto por civilizações e culturas distintas é produto mediático e irreal. As desigualdades sociais poderiam explicar melhor os conflitos entre os povos do que as idéias de Samuel Huntington. A partir de 2008, a AoC deu início à promoção de fóruns anuais com o fim de aprimorar suas iniciativas e desenvolver a forma de tratamento do pretenso choque

civilizacional, negado pelos representantes da Aliança.

Grande polêmica surgiu em razão do paradigma do choque de civilizações. Os eventos de 2001 nos Estados Unidos inicialmente reforçaram as idéias de Huntington e colaboraram para que dois países, a Espanha e a Turquia, um ocidental e outro islâmico - embora europeizado -, desenvolvessem a idéia de que algo deveria ser feito para aplacar a idéia do *clash*. O advento da Aliança de Civilizações ressalta o impacto que a perspectiva de uma guerra civilizacional suscitou. No entanto, os valores defendidos pela AoC - tais como democracia, defesa dos direitos humanos e livre expressão - revelam que a tratativa encontrada não pode fugir às divergências culturais existentes. Esses valores são mais propriamente ocidentais, ou, pelo menos, têm sido melhor advogados pela parte ocidental do mundo moderno. Países islâmicos ainda são governados por regimes autoritários, com liberdade limitada e desrespeito aos direitos humanos, cenário que ameaça se desconstruir a partir da Revolução de Jasmim.

O encontro dos anos 2010 e 2011 testemunha um movimento de democratização na região do OMNA (Oriente Médio e Norte da África), o chamado Mundo Árabe. Essa “revolução” não foi prevista pelos estudiosos de política internacional. O movimento, chamado de Revolução de Jasmin por alguns e de Primavera Árabe por outros, iniciou-se na Tunísia com a derrubada do presidente Zine El Abidine Ben Ali, no poder durante 23 anos. Em seguida, a “revolução” derruba Hosni Mubarak, que comandava o Egito há 30 anos. Como em um efeito dominó, a Líbia é a bola da vez de uma onda revolucionária que tem contagiado o Iêmen, a Argélia, Jordânia, Mauritânia, Bahrain, Síria; a Arábia Saudita, Omã e Sudão em menor extensão.

Não se sabe ainda com exatidão as consequências da Revolução de Jasmin, mas são conhecidos os aspectos que marcam as reivindicações dos grupos revolucionários, composto basicamente por uma superpopulação de jovens atingidos pelo desemprego, más condições de vida e injustiça social, causados por governos autoritários há décadas no poder; outro fator agravador é a falta de liberdade política e econômica reinantes em razão da corrupção. Huntington previu em sua obra que o fator de maior importância na erupção de conflitos poderia ser a explosão demográfica nas sociedades mulçumanas, e a grande quantidade de homens frequentemente

desempregados, entre as idades de 15 e 30 anos. Para o autor, este fator “*é uma fonte natural de violência, tanto no seio do Islã como entre não-mulçumanos*” (HUNTINGTON, 1996). Essa faixa etária é a mesma que anseia pela democratização no Mundo Árabe.

Tal como a globalização, as revoluções democráticas tendem a avançar mundo afora, em um despertar político irreversível que parece se contrapor às teses huntingtonianas. Esse cenário propicia a facilitação do desempenho da Agenda das Civilizações. No entanto, o franco sucesso do projeto das Nações Unidas dependerá de um contrato civilizacional, fundamentado na aceitação e na defesa de valores comuns a todos os povos; valores esses que garantam a adoção de políticas de direitos humanos, livre expressão e democracia, mesmo que esta democracia seja adaptada por fatores culturais locais.

CAPÍTULO 1 - O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES: PRESSUPOSTOS, CRÍTICAS E PROPOSTAS DE RECONCILIAÇÃO

Conceitos utilizados por Samuel Huntington em sua obra têm sido fonte de muita crítica; às vezes, exageradas. Também, tem sido alvo de hostilidade acadêmica a descrição que o autor faz das tradições, cultura e valores ocidentais ou islâmicos. Seus críticos ressaltam que o Professor de Harvard advoga em causa própria, direcionando o que alguns chamam de uma nova roupagem da Doutrina do Destino Manifesto.

1.1. A QUESTÃO DOS CONCEITOS: CULTURA E CIVILIZAÇÃO

A cultura de um povo, traduzida na sua religião, costumes, origem, sistema legal e identidade, é o que de fato distingue uma civilização de outra. Uma das mais freqüentes críticas sofridas por Huntington é a pretensa desarticulação que ele faria dos conceitos de civilização e cultura. O autor define civilização a partir da conjunção de elementos comuns, tais como língua, história, religião, costumes e instituições. A identificação que as pessoas fazem de si mesmas completa o conceito de civilização huntingtoniano.

A religião ocupa um espaço destacado na obra de Huntington. O autor cita Christopher Dawson ao afirmar que a religião é uma característica central definidora das civilizações; as grandes religiões são os alicerces sobre os quais repousam as civilizações (HUNTINGTON, 1996, p. 54). No Islã, o preceito religioso tem um peso ainda maior. O legado comum de religião e consciência histórica, traduzido até mesmo na sua lei civil-religiosa, é o que mantém os povos árabes unidos. Apesar da importância do aspecto religioso nas teses huntingtonianas, o autor lembra que o Ocidente nunca gerou uma religião importante quando afirma que as grandes religiões do mundo são todas produto de civilizações não-ocidentais e, na maioria dos casos, antecedem a civilização ocidental.

Em face do fundamentalismo, tido como um posicionamento religioso violento e radical, a Aliança de Civilizações ressalta a importância da participação de grupos religiosos nas conversações e fóruns da iniciativa das Nações Unidas¹.

O Grupo de Alto Nível da AoC considera que a solução dos conflitos políticos mais inflamados e simbólicos deve ser tratada de forma pragmática. Para se estabelecer uma Aliança de Civilizações e superar os obstáculos inerentes ao seu estabelecimento, o receio e a ignorância sobre as culturas devem ser combatidos também por meio do debate sobre as aparentes diferenças essenciais e irreconciliáveis entre as culturas e religiões, utilizadas como explicação para uma série de conflitos culturais e políticos.

As características civilizacionais devem ser apreciadas sob diversos ângulos. Tarik Ali ressalta que civilizações são entidades complexas mais abrangentes do que etnia, classe, povo, nação e cultura. Seriam, de fato, uma mistura orgânica de famílias, etnias, povos, nações e culturas, unidas todas pela língua, tradições comuns, narrativas, instituições e valores compartilhados. Essa teia de características de uma civilização dificultaria discerni-la do que costumamos atribuir a uma cultura.

Para simplificar a análise que fazemos neste trabalho, optamos por nos ater às características culturais dos povos aqui citados, mesmo que esta simplificação possa desagradar aos estudiosos mais cuidadosos das questões conceituais. Neste estudo, entendemos culturas como unidades que se identificam em fatores sociogeográficos e históricos e nos atrevemos a utilizar o termo cultura como sinônimo de civilização. Parece-nos que a mensagem de Huntington é consistente o bastante para que se

¹ É importante esclarecer a interpretação que damos para alguns termos que comumente são utilizados. “Fundamentalismo” é o termo adotado, no Ocidente, pelos cristãos protestantes, que não se aplica facilmente a outras comunidades. É frequentemente usado para descrever movimentos que se sentem agredidos pela marginalização da religião na sociedade secular e que pretendem restaurar seu papel central. Apesar de serem, em grande medida, inovadores, reclamam, amiúde, a volta às raízes da tradição religiosa e à observância literal de textos e princípios básicos, independentemente dos fatores históricos. Não obstante a impressão com que o termo é utilizado, o que importa observar aqui é que esse tipo de movimento existe na maioria das confissões religiosas. Além disso, não são, substancialmente, violentos. O que têm em comum é a profunda decepção e o medo no que diz respeito à modernidade secular, que muitos deles percebem como intrusiva, amoral e vazia de conteúdo profundo. Por outro lado, o extremismo advoga medidas radicais para atingir objetivos políticos. Sua natureza não se arraiga na religião, assim sendo, também pode ser encontrada em movimentos seculares. Em alguns casos, as ideologias tanto fundamentalistas quanto extremistas são utilizadas para justificar atos de violência, inclusive de atentados terroristas contra civis (Relatório do Grupo de Alto Nível UNAOC, 2006).

releve esse aspecto: *civilização e cultura se referem, ambas, ao estilo de vida em geral de um povo, e uma civilização é uma cultura em escrita maior* (HUNTINGTON, 1996, p.46).

1.2. A QUESTÃO DAS SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS

Após a Guerra Fria, as diferenças ideológicas, políticas e econômicas entres os povos foram secundarizadas; possíveis conflitos teriam como fonte as diferenças culturais, essencialmente. Em linhas gerais, estas são as idéias de Samuel Huntington descritas em sua obra "O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial". Nesse cenário, em termos mundiais, até onde essas diferenças subsistiriam a partir dos movimentos de migração, dependência econômica e mixagem de valores?

De fato, a configuração da ordem mundial nos dias de hoje não pode mais prescindir dos efeitos da globalização. As influências interculturais existentes acontecem desde que as navegações aproximaram definitivamente o que hoje conhecemos como Ocidente, Ásia, Mundo Árabe e Mundo Persa, além das outras culturas citadas por Huntington (1996, p.50-54). Em termos de globalização, Zakaria (2008, p.183) advoga que o futuro já chegou. "*Nos últimos 20 anos, a globalização tem ganhado amplitude e profundidade*". Zakaria admite ainda que a tecnologia, a distribuição da produção e o livre fluxo de capital estão nivelando as regiões do mundo.

Em meio à proposição de Huntington do choque das civilizações, os eventos após setembro de 2011 protagonizaram a cultura ocidental e a islâmica como as mais passíveis de entrarem em confronto direto. O Islã e a China comporiam o que Huntington denomina como civilizações desafiadoras, com as quais "*o Ocidente provavelmente terá relações invariavelmente tensas e muitas vezes altamente antagônicas*" (HUNTINGTON, 1996, p.229).

Nosso trabalho irá se limitar ao possível embate cultural entre o Islã e o Ocidente, sobretudo neste momento em que a Revolução de Jasmim nos estimula a verificar que valores ocidentais estão sendo absorvidos pelo Mundo Árabe. Zakaria lembra que o Mundo Árabe não está ficando de fora da globalização; ele estaria, de fato, moldando-a

(ZAKARIA, 2009, 173). A Revolução de Jasmim talvez seja uma prova disso. O Mundo Árabe está prestes a se comprometer com o caminho da democratização, não importa o quanto adaptada ela seja.

O Reformismo, como opção ao Rejeicionismo e ao Kemalismo², tem sido o caminho natural entre o Islã e o Ocidente. Restou ao mundo mulçumano *“tentar combinar a modernização com a preservação dos valores, praticas e instituições centrais da cultura autóctone dessa sociedade”* (HUNTINGTON, 1996, p.66-69).

Um dos argumentos dos pensadores da Aliança de Civilizações (AoC) é que a imagem de um mundo composto por civilizações e culturas que se excluem mutuamente, condenadas à confrontação, teria sido criada por elementos políticos, mediáticos e grupos radicais. Huntington foi tão enfático assim. O teórico fundamenta que os países que têm afinidades culturais cooperam em termos econômicos e políticos.

Um observador comum veria com naturalidade que brasileiros tenham mais elementos comuns de identidade com europeus, de quem somos descendentes; ou, com os nossos vizinhos de continente; ou, talvez, com africanos com quem somos igualmente identificados. Para Huntington, os Estados, ainda os maiores protagonistas da geopolítica mundial, tendem a cooperar entre si e se aliarem com outros de cultura assemelhada.

Além da afinidade cultural, a geografia tem também ajudado a determinar a formação de blocos econômicos. Para Huntington, *“as organizações internacionais baseadas em Estados com aspectos culturais em comum, tais como os da União Européia, têm muito mais êxito do que aquelas que tentam transcender culturas”* (HUNTINGTON, 1996, p. 28).

² Rejeicionismo, Kemalismo e Reformismo são tipologias de reação ao Ocidente e à Modernização. Enquanto na política Rejeicionista os valores estranhos à cultura local são rejeitados, no Kemalismo, tanto a modernização quanto a ocidentalização são abraçadas. A terceira opção combina a modernização com a preservação dos valores, práticas e instituições da cultura autóctone (Huntington, 2006, p.66-69)

Na leitura realista, os interesses dos Estados estão arraigados em bases econômicas e de poder. O autor diverge quando complementa que *“os valores, a cultura e as instituições influenciam de forma ampla e profunda o modo pelo qual os Estados definem os seus interesses”* (HUNTINGTON, 1996, p.35), embora reconheça que no nível global ou macro, os conflitos entre Estados residem em questões clássicas, tais como, influência, poder militar, poder econômico e bem-estar, pessoas, valores, cultura e ocasionalmente, território (HUNTINGTON, 1996, p. 260).

Apesar desse reconhecimento, Huntington sinaliza que há *“menor probabilidade de que o público e os estadistas vejam ameaças surgindo da parte de povos que eles acham que compreendem e nos quais podem confiar devido a idioma, religião, valores, instituições e cultura compartilhados”* (HUNTINGTON, 1996, p. 36). De fato, pareceria estranho supor a Europa temerosa de um ataque por parte dos Estados Unidos.

Essa concepção de identidade entre culturas vem corroborar o mesmo princípio com relação aos indivíduos. Trata-se da mesma ordem de reflexão: as nações e os Estados se comportam como as pessoas (até porque eles são guiados por elas) e as pessoas estão em permanente conflito de opiniões, sentindo-se identificadas com aqueles que possuam traços em comum, sejam físicos, lingüísticos, religiosos, econômicos, geográficos, etc. A necessidade de confronto para autoafirmação antecede a questão cultural ou civilizacional. Ela tem início no indivíduo. *“As pessoas se definem em termos de antepassados, religião, idioma, história, valores, costumes e instituições”* (HUNTINGTON, 1996, p. 20).

Apesar disso, tal como para os Estados, o poder é um importante ingrediente nas relações pessoais. É por isso que o Islã nunca foi completamente unido. Os indivíduos não têm as características acima de forma definitiva: eles estão sempre oscilantes entre a paz e a guerra, entre o tipo de fé que lhes é mais apropriada, etc. Perder-se de vez em quando é prerrogativa humana.

Hourani (2007, p.54) dá conta de que já depois da morte de Maomé, *“ambições pessoais, ressentimentos locais e conflitos partidários manifestavam-se em mais de um plano – etnia, tribo e religião – e, da distância de hoje, é difícil dizer como se*

estabeleceram as linhas divisórias”. Mostras da desunião islâmica chegaram aos dias de hoje, em fragmentações que conhecemos como Sunitas, Xiitas, etc. Ou nas tribos no OMNA que lutam pelo poder na Líbia.

Por sua vez, o mundo europeu já repetiu a mesma receita de latente adversidade entre os Estados. Huntington cita Charles Tilly quando relata que os povos europeus *“também lutavam uns com os outros praticamente de forma incessante. Entre os Estados europeus, a paz era exceção, não a regra”* (HUNTINGTON, 1996, p.60). A condição de se estar identificado com algo é contingencial: pode mudar, dependendo do interesses em jogo. Os Estados, como as pessoas, são entidades complexas.

Essa complexidade não escapou do olhar analítico do Grupo de Alto Nível da Aoc. Outra assertiva do Grupo é que a complexidade do mundo de hoje e sua percepção polarizada seriam, na realidade, alimentadas pela injustiça e a desigualdade sociais, responsáveis pela violência e os conflitos que ameaçam a estabilidade internacional.

É certo que Huntington talvez não tenha dado a devida importância aos aspectos político-econômicos da união e desunião entre os Estados. Silva (2008, p. 33) argumenta que *“contemporaneamente, o choque de civilizações é superado muito mais pelo poder da economia global, mais sedutor e difícil de resistir”*. Esta autora acrescenta que se as diferenças culturais em uma mesma civilização são tão poderosas, as forças que as unem militarmente e economicamente também o são. O poder e a força são elementos preciosos na visão realista, o que explicaria os sistemas internacionais que Huntington direcionou como sistemas multipolar e ocidental, bipolar e semi-ocidental e, mais recentemente, multipolar e multicivilizacional³.

A percepção unipolarizada do mundo, se ainda persiste, tem perdido cada vez mais sua força. Mesmo os Estados Unidos já estão cientes de sua dependência de outros países; sobretudo da dependência econômica que possui em relação à China. Vivemos em mundo novo, multipolar, multicivilizacional, em que as culturas começam a

³ Desse modo, um sistema multipolar ocidental de relações internacionais cedeu lugar a um sistema bipolar semi-ocidental e, depois, a um sistema multipolar e multicivilizacional. A geografia política mundial deslocou-se do mundo único de 1920 para os três mundos dos anos 60 e para a meia dúzia de mundos dos anos 90 (HUNTINGTON, 62)

entrelaçar-se de forma tal que os limites entre uma civilização e outra tendem a ficar cada vez mais tênues.

Isso não implica dizer que diante de uma situação de contenda as pessoas não se unam em função dos seus laços culturais. Tanto é assim no Ocidente como no Islã. Esse senso de identidade, de irmandade e união vem sendo estimulado desde os primórdios do Islamismo. Dois grandes autores nos dão testemunho disso. Hourani (2007, p. 200) cita o Profeta Maomé: *“sabei que todo mulçumano é irmão de um mulçumano; e que os mulçumanos são irmãos”*. Lewis (1995, p. 263) acrescenta que a proteção religiosa era ampla entre os islâmicos, alcançando os interesses e o bem-estar dos *“súditos otomanos da religião protegida”*.

A questão da hostilidade do Islã *vers* o Ocidente - e vice versa - é tratada por muitos autores. Para fundamentar sua linha de pensamento, Huntington teria se baseado seu artigo, publicado em 1990, na obra do veterano orientalista Bernard Lewis, "As raízes da ira muçulmana". A propósito da questão, Hourani (2007, p.165) destaca: *“nos longos séculos de domínio mulçumano houve alguns períodos de perseguição constante e deliberada a não-mulçumanos por governantes mulçumanos”*. No mesmo sentido, artigos hadiths extraídos de capítulos sobre a *jihad* nas grandes coletâneas fornecem uma idéia de como esse dever era entendido nos primeiros tempos: *“O paraíso fica à sombra de espadas”* (LEWIS, 1995, p. 211).

Em contraposição a isso, Huntington lembra o caráter violento do ocidente: *“o Ocidente conquistou o mundo não pela superioridade de suas idéias, valores ou religião (...), mas sim por sua superioridade em aplicar a violência organizada. Os ocidentais frequentemente se esquecem desse fato, mas os não-ocidentais nunca”* (HUNTINGTON, 1996, p. 59).

A historiografia de conflitos entre o Ocidente e o Islã e vice versa, claramente retratada durante as cruzadas, é bastante significativa a esse propósito. Desde o surgimento do Islã, o relacionamento entre o mundo mulçumano e o Ocidente foi marcado por uma série de conflitos. Os primeiros embates ocorreram a partir do século VII, seguindo-se pelo século XI, com a retomada pelos cristãos de algumas regiões

conquistadas, tais como a região de Toledo na Espanha e a atual Sicília Huntington. A história revela uma sucessiva e periódica hostilidade latente entre o Islã e o Ocidente. Mil e quatrocentos anos de história provam que as relações entre o Islamismo e o Cristianismo, tanto Ortodoxo quanto Ocidental, foram frequentemente tempestuosas. *“Cada um foi o Outro do outro”* (HUNTINGTON, 1996, p. 262)

Confrontos e desigualdades culturais, antigos ou atuais, são exacerbados em tempos de crise. E mesmo na ausência dela. A diferença de assimilação, pela sociedade americana, dos imigrantes - principalmente alemães, irlandeses, italianos, poloneses e judeus – em comparação com os imigrantes mexicanos (Telles, p.1) é prova disso. O problema foi discutido por Huntington. Telles sustenta que essa falta de integração *“pode criar uma sociedade latina separada, com valores e cultura distintos, e não integrada à sociedade americana”*. Telles ainda critica: *“o problema não é a relutância dos latinos em adotar os valores e a cultura americanos, mas o fracasso das instituições sociais (...) em incorporar esses indivíduos de forma eficaz, tal como foi feito com os descendentes dos imigrantes europeus”*. O exemplo é ilustrativo de como as diferenças culturais podem causar grandes desconfortos sociais. *“Cem anos depois, quando os filhos dos imigrantes europeus deixaram de ser étnicos e se tornaram indistinguíveis dos americanos brancos, os mexicanos ainda eram classificados em uma categoria racial própria no censo de 1930”*.

Sabemos que problemas relativos aos latinos persistem até os dias de hoje nos Estados Unidos, servindo como importante linha de discussão e dissonância entre os Partidos Republicano e Democrata. Se mesmo após tanto tempo a integração dos imigrantes mexicanos à sociedade americana ainda é problemática - hoje agravada pela atual situação da economia americana -, nos perguntamos se essa fonte de conflito não teria origem cultural. Se não, do que se trata, essencialmente?

Outro exemplo que corrobora Huntington é a postergada entrada da Turquia na União Européia. Dias (2008, p.37) reacende essa polêmica afirmando que questões atreladas à convergência econômica, à política fiscal e monetária, à integração a um pacto militar ocidental ou questões ligadas à democracia não explicam a exclusão

daquele país como membro efetivo do bloco: “*o problema principal envolve a questão cultural e religiosa*”.

Parece haver um limite invisível que separa diferentes formas de ver o mundo, independentemente das questões político-econômicas. Esse véu invisível a que a Turquia se submete, devidamente administrado pela Europa - que concedeu àquele país o status de não-adesão plena, apesar da grande ocidentalização ocorrida no país nos tempos de Atatürk -, nos leva a duas constatações: a primeira é que a identidade cultural (leia-se religiosa) continua sendo o pano de fundo do relacionamento entre os Estados; a segunda é que os conflitos que possam causar instabilidades econômicas e políticas devem ser evitados ou administrados.

Uma terceira premissa adotada pelos construtores da AoC é que o *gap* existente entre poderosos e desassistidos, entre ricos e pobres, e entre distintos grupos políticos, sociais e nacionais explicariam mais propriamente os conflitos existentes do que a categorização cultural a que os povos estão sujeitos pelas idéias de Samuel Huntington.

É verdade que situações de extrema pobreza ou desigualdade social suscitem conflitos. Isso acontece independentemente da população em risco pertencer a uma ou a outra civilização. Daí a preocupação dos governantes, principalmente os populistas, com o nível de pobreza de uma população. É segredo de polichinelo que o controle político de um país pode ser manipulado por meio do controle das condições que possam causar descontentamento à população mais pobre, que é também, por consequência, a mais iletrada. Exemplos dessa preocupação em minimizar os efeitos sombrios da má distribuição de renda estão sendo vistos pelos países que passam pela Revolução de Jasmim, mas também na América Latina, onde se exerce certo controle sobre a população por meio de programas de bolsas. Promessas de auxílios financeiros foram a primeira bandeira utilizada por Mubarak e Kadafi quando atingidos pelos revoltosos.

Apesar do ponto de vista da AoC e embora alguns argumentem que idéias tais como o “choque de civilizações”, o “fim da história” e a “islamofobia” estejam

ultrapassadas, as teses huntingtonianas continuam causando polêmica em todos os meios. Certamente serão revigoradas com o advento da Primavera Árabe. Mais ainda, depois da participação efetiva do Egito no movimento.

O Egito sempre teve uma influência muito grande no mundo árabe e sempre se considerou como central também para o mundo mediterrâneo e africano. Parag Khanna (2008, p.192) ilustra que as regiões chamadas Maghreb e Mashreq devem seus nomes às suas posições a oeste e leste do Nilo, no Egito, ressaltando a importância daquele país no desenho da geografia política da região.

Hoje, o Egito faz face a um número muito elevado de jovens sem condições de subsistência. Ainda aqui os costumes religiosos dão mostras de seu vigor. O cuidado com a família é um valor fundamental nas sociedades árabes, embora Amorin (2008, p.17) contraargumente que vem perdendo força a afirmação de que a família seja vista como o núcleo da identidade muçumana, tanto nos países islâmicos como nas comunidades muçumanas que vivem na Europa.

Se o fator econômico não é o único elemento incendiador da Revolução de Jasmim – o que potencialmente é verdade -, somos levados a admitir que motivações políticas e sociais (*voir* culturais) invadem o mundo muçumano, como é o caso da pretensão democrática do movimento. Neste caso específico, a questão demográfica parece contar muito nesse processo.

O descontentamento dos jovens com a situação político-econômica de países do Mundo Árabe - onde as riquezas encontram-se nas mãos de poucos e falta oportunidades de sobrevivência digna - vai ao encontro da linha de ação da Aliança de Civilizações. Amorim (2008, p. 29) apresenta a idéia de que uma das razões para o aumento da tensão nos países islâmicos é o crescimento populacional. *“Essa tendência começou a se manifestar a partir da década de 1960, e prossegue nos dias atuais”*. Centenas de milhares de jovens ingressam na força de trabalho a cada ano. O Egito enfrenta uma crise de desemprego implacável, que é o seu maior problema na atualidade.

Outro fator relevante é o movimento migratório, tratado como uma quarta questão prevalente pela Aliança de Civilizações. Como consequência da acentuada migração entre componentes de civilizações diferentes ocorrida na Europa após 1945⁴, aquele continente já abriga duas ou mais gerações de imigrantes derivados do mundo árabe. Esse vai e vem de pessoas aproximou hábitos, costumes e aspirações de igualdade, mesclando de forma irreversível esses dois mundos.

No caso do Oriente Médio, grandes mudanças sofridas pela cultura local vieram de sociedades e culturas estranhas. Lewis (1995, p. 281) relata que a Revolução Francesa foi o primeiro movimento de idéias na Europa que produziu um impacto importante sobre o Oriente Médio e começou a mudar as maneiras de pensar e agir dos povos da área. Embora liberdade, igualdade e fraternidade não fossem idéias inteiramente novas para os povos do islã. *“Fraternidade – a irmandade dos crentes – era um princípio básico, como também a igualdade entre eles, isenta de privilégios étnicos e aristocráticos. Já a igualdade entre crentes e descrentes era assunto diferente”* (LEWIS, 1995, p.282).

A Primavera Árabe reacende a discussão de quais valores são islâmicos e quais são ocidentais. É mandatário esclarecer que valores são comuns e quais são distintos entre as duas culturas, embora esta tarefa não seja fácil; talvez impossível, no século em que vivemos. Vejamos no seguinte exemplo: quando alguém se reconhece como brasileiro, como esse alguém definiria essa condição? De forma geográfica ou descrevendo os hábitos e costumes do seu povo? A resposta – quase automática - a essa questão nos faz refletir sobre o que definimos como valor de uma cultura ou de outra. Onde terminam os valores do ocidente e onde começam os islâmicos, ou vice versa?

Hourani (2007, p.396) dificulta o esclarecimento dessa questão citando Goethe e Kipling: *“No início do século XIX, Goethe proclamava que “Oriente e Ocidente não mais podem ser separados”; mas no fim do século a voz dominante era a de Kipling,*

⁴ Muitos norte-africanos foram também responsáveis pela reconstrução da Europa, após a Segunda Guerra. No caso da Bélgica, a reconstrução do país deveu-se também aos marroquinos, que hoje formam uma comunidade numerosa naquele país.

afirmando que “Oriente é Oriente e Ocidente é Ocidente”. O duelo de posições continua.

A aceitação de valores de outras culturas tem sido a tônica desde que o comércio tomou conta do mundo. Em razão disso, civilizações não podem ser descritas como blocos monolíticos livres de transformações. Muito menos que valores como democracia, individualismo, separação da autoridade espiritual e temporal, pluralismo social e o império da lei - tidos como valores ocidentais - sejam aceitos apenas por essa civilização.

*Um estudo recente*⁵ compara crenças e valores das populações muçumanas e não muçumanas em setenta e cinco sociedades diferentes. A maior divergência entre as duas amostras reside no tema “liberação sexual”. O estudo mostra que as populações muçumanas e não muçumanas coincidem em setenta e cinco por cento dos indicadores relacionados a valores políticos. Isso parece apontar para um despertar político dos povos muçumanos que não passou despercebido dos analistas. A democracia é a grande interrogação nos tempos da Primavera Árabe.

Perguntamo-nos se o mundo árabe irá se permitir uma democracia nos moldes ocidentais ou se a democracia neste momento tende a ser construída sob um modelo próprio. A derrubada de um regime autoritário não garante o imediato estabelecimento de uma democracia. Isso depende essencialmente de outros interesses; até mesmo de outros países.

Santos (2010) esclarece que a importância do estudo da democracia está no fato de que a difusão de seu valor tem sido parte essencial da doutrina da política externa dos Estados Unidos no pós-Guerra Fria, sobretudo após os ataques de 11 de setembro. Nestes termos, democracia significaria “segurança” para os americanos.

⁵ As dimensões comparadas são: suporte aos ideais democráticos; suporte à prática democrática; desaprovação de líderes religiosos; e desaprovação de fortes lideranças. A única discordância política entre as populações muçumanas e ocidentais foi no item sobre líderes religiosos, Norris (2002). (Fonte: <http://www.pluricom.com.br/forum/uma-critica-a-tese-do-choque-de-civilizacoes>)

Interesses ocidentais postos à parte, nos dias de hoje a democracia tem uma imagem extremamente positiva em todo o mundo, seja no mundo ocidental ou não. O mundo árabe parece estar vivendo sua onda democrática, em função de fatores econômicos e políticos. *“Durante as décadas de 70 e 80, mais de 30 países passaram de sistemas políticos autoritários para democráticos”* (HUNTINGTON, 1996, p.240.).

Embora alguns advoguem que valores sejam recriados e reinventados ao sabor dos contextos e interesses políticos, não se pode negar que o mundo caminha para a adoção de valores universais. O desenvolvimento econômico é, sem dúvida, o principal fator subjacente que vem gerando essas mudanças políticas e sociais, necessárias à proteção do fator humano.

A questão da proteção aos direitos humanos também se encontra na ordem do dia. Não foram raras as vezes em que a defesa dos direitos da pessoa foi abandonada pelo ocidente quando não havia interesses econômicos importantes em jogo, como foi o caso do Massacre de Ruanda. No presente momento, o Ocidente volta todos os seus olhos para o fator humano no mundo, apegando-se ao discurso da proteção aos direitos humanos; justamente onde a maior parte do petróleo reside.

Outro conceito ocidentalizado tratado no seio da Aliança é o império da lei. No Ocidente este elemento foi herdado do Estado Romano, mas no Islã a lei e a religião se confundem. Como já dissemos, a religião é o elemento cultural a que Huntington atribui maior importância. O Islã nasceu como religião, assim se desenvolveu e hoje tenta se sustentar com seus valores tradicionais. Hourani (2007, p.69) relata que outrora as *“sociedades em que os muçulmanos governavam uma maioria não muçumana foram se transformando em sociedades em que a maior parte da população aceitava a religião”*.

No fim do quarto século islâmico (século X d.C) os muçulmanos *“viviavam dentro de um elaborado sistema de ritual, doutrina e lei claramente diferente do dos não-muçulmanos; tinham mais consciência de si mesmos como muçulmanos”*. No fim do século X *“passara a existir um mundo islâmico, unido por uma cultura religiosa comum, expressa em língua árabe, e por relações humanas forjadas pelo comércio, a migração*

e a peregrinação”. Mesmo assim, nos dizeres de Lewis (1995, p. 204), o Islã nunca formou uma igreja e *“jamais produziu uma aristocracia no sentido cristão da palavra”*.

A lei santa islâmica está consubstanciada na Charia, que é o nome que se dá ao código de leis do Islamismo. No mundo islâmico, a religião não era só um sistema de crenças e de leis civis, mas também a *“base final da liberdade, o foco primário da lealdade, a única fonte legítima de autoridade”* (LEWIS, 1995, p. 218). Este modelo de lei religiosa traz à mente o conceito de *Jihad*.

Khan (2009) argumenta que a *“Jihad é um dos conceitos mais incompreendidos do Islã. A demonização do Islã (...) se baseia na percepção distorcida sobre a jihah. Este equívoco ou foi intencional ou inadvertidamente propagado no mundo inteiro”*. Lewis (1995, p. 210) acrescenta que o termo *jihad* - convencionalmente traduzido como *“guerra santa”* - tem o significado literal de *esforçar-se, mas especificamente na frase do Corão, esforçar-se no caminho de Deus*. É com base nessa inconsistência conceitual que a AoC considera que em muitos conflitos recentes, em muitos lugares do mundo, *“tem-se explorado a religião para justificar a intolerância, a violência e inclusive o assassinio”* (UNAOC, 2006).

A absorção paulatina ou não de valores reconhecidamente ocidentais pelo mundo islâmico traduz o que o Ocidente chamaria de Modernização. Embora outras civilizações já tenham sido outrora mais modernas que o Ocidente, segundo Huntington (1996, p.91) no nível societário a modernização amplia o poder econômico, militar e político da sociedade, incentivando as pessoas a se tornarem culturalmente afirmativas. No nível individual, a modernização geraria sentimentos que conduzem a crises de identidade, respondidas por meio da religião.

O individualismo, descrito como mais um dos valores ocidentais, é outro referencial de comparação entre o Ocidente e o Islã. Huntington argumenta que *“o individualismo continua sendo uma marca típica do Ocidente dentre as civilizações do século XX”*, informando que numa análise que envolve amostragens sobre esta característica, realizada em cinquenta países, os vinte primeiros em que se registrou o índice de

individualismo mais alto incluíram todos os países ocidentais, com exceção de Portugal e o acréscimo de Israel.

1.3. AINDA O DESTINO MANIFESTO

Inúmeros intelectuais latinoamericanos se sentiram ofendidos por uma propaganda exclusão dos latinos da civilização ocidental na classificação utilizada na obra “O Choque de Civilizações”. Huntington explica que os próprios latinos estariam em dúvida quanto ao seu *status* de pertencer ou não à civilização ocidental. O autor refere-se a este fato como um problema de autoidentificação. O autor revela algumas razões desta classificação da América Latina em seu mapa de civilizações. O subcontinente teria evoluído de forma diferente do resto do Ocidente. A América Latina *“teve uma cultura corporativista, autoritária, que existiu em menor grau na Europa e não existiu em absoluto na América do Norte”*(HUNTINGTON, 1996, p.52).

De fato, o efeito da cultura autoritária no Brasil é inegável: ela se traduz claramente nas relações de trabalho, sobretudo na área pública. Está incrustada na nossa cultura a expressão “manda quem pode, obedece quem tem juízo”.

A hesitação da comunidade latino americana em pertencer ou não ao Ocidente, comentada por Huntington, talvez tenha origem justamente na idéia de que a Teoria Civilizacional suscita uma nova forma de Destino Manifesto. A doutrina do Destino Manifesto foi usada explicitamente pelo governo norte-americano para justificar intervenções em vários países da América Central e Latina. Parece-nos que fazer ressurgir a Doutrina do Destino Manifesto, a partir da obra de Huntington, seria um temor exagerado a um suposto neo-imperialismo norte americano, a partir do posicionamento de um Professor de Harvard.

É inegável que a cultura norte-americana, ainda hoje imitada em alguns de seus modelos teóricos no Brasil – exemplarmente na Administração Pública -, desagrada a muitos. Todavia, nos encontrar de certa forma “separados” da cultura ocidental - mesmo integrando-a de forma parcial - nos daria, quem sabe, a “dignidade da diferença”.

Não quero crer que os latinos sejam, em essência, individualistas como os norte-americanos. Huntington (1996, p.85) ilustra essa constatação ao dizer que os valores que são mais importantes no Ocidente são menos importantes no resto do mundo. O individualismo não casa com a cultura brasileira. Essa característica dos irmãos do norte nos incomoda bastante, deixando-nos, talvez, mais confortáveis com a posição de “civilização ocidental diferenciada”.

Ainda a propósito da divergência se a América Latina faria ou não parte do Ocidente, Huntington pondera que a América Latina sempre foi prioritariamente católica - apesar dos avanços do protestantismo nos últimos tempos -, além do que teria incorporado culturas indígenas, mais que outras civilizações. Este último fato é facilmente constatado dentro da recente onda rosa latinoamericana, revelada na eleição ou reeleição de políticos de esquerda na maioria das eleições presidenciais realizadas na região nos últimos anos. Huntington encerra a questão quando afirma que a América Latina poderia ser considerada uma *“subcivilização ou uma civilização dentro da civilização ocidental, ou ainda uma civilização separada, intimamente afiliada ao ocidente”* (HUNTINGTON, 1996)

A sensação de termos sido “colocados à parte” suscita em alguns autores contrários a Huntington a lembrança da Doutrina do Destino Manifesto. Telles (p. 178) diz que *“nos anos de 1830 e 1840, muitos líderes americanos sustentaram, explicitamente, que os mexicanos (e outros povos de pele escura) eram incapazes de autodeterminação”*. No entanto, a idéia de superioridade, seja cultural ou intelectual, não vem unicamente do ocidente.

Lewis (1995, p. 272) nos conta que *“durante muitos séculos, os mulçumanos haviam se acostumado a uma concepção de história, segundo a qual eram os portadores da verdade de Deus, com o dever sagrado de levá-la ao resto da humanidade”*. Isso aponta para um pretense Destino Manifesto Islâmico. O Destino Manifesto Americano foi definido como o pensamento que expressa a crença de que o povo dos Estados Unidos foi eleito por Deus para comandar o mundo, e por isso o expansionismo americano foi apenas o cumprimento da vontade Divina. Opor-se a

Huntington, enfatizando o ressurgimento do Destino Manifesto Americano, seria, neste caso, usar dois pesos e duas medidas. Na verdade, duas “nações religiosas” têm a mesma pretensão de ganhar o mundo; mesmo que uma seja mais explícita que a outra; e, portanto, mais criticada.

CAPÍTULO 2 - A ALIANÇA DE CIVILIZAÇÕES: PONTOS DE TRATAMENTO DO CHOQUE E *MODUS OPERANDI*

As principais críticas ao trabalho de Huntington se conformam com os objetivos e eixos de sustentação da Aliança de Civilizações (UNAOC). A teoria chamou atenção tanto no meio acadêmico quanto na seara das organizações internacionais. A reação à ela colaborou para o surgimento da iniciativa das Nações Unidas. O projeto tem avançado parcimoniosamente no que se propõe: construir e sustentar o diálogo entre os povos, alavancando iniciativas práticas e preventivas. A UNAOC já promoveu três fóruns anuais de discussão, realizados desde 2008, em Madrid, Istambul e Rio de Janeiro. O quarto fórum da UNAOC terá lugar em dezembro de 2011, em Doha.

A Aliança colocou sobre a mesa a relação entre as nações, predominantemente entre a população ocidental e muçulmana. Esta é a vertente principal do projeto. Para tal, considera com atenção os fatores políticos que contribuem para o extremismo, os efeitos da mídia e da educação na compreensão mútua, e a necessidade de atuar sobre as comunidades de jovens e imigrantes.

A comunicação eletrônica pode ser fator de incremento de mudanças e educação cívica. A Aliança de Civilizações pretende abordar as fissuras cada vez maiores entre as sociedades, reafirmando o paradigma de respeito mútuo entre os povos de diferentes tradições culturais e religiosas.

Ao mesmo tempo que lamenta os episódios de setembro de 2001, afirmando que os ataques terroristas que foram praticados pela Al Qaeda nos Estados Unidos foram quase que universalmente condenados - independentemente da religião ou da política dos que os criticaram -, os pensadores da Aliança de Civilizações lamentam igualmente a ansiedade e a confusão criadas pela teoria do choque que, na ótica da Aliança, tem distorcido os termos do discurso sobre a verdadeira natureza do perigo que o mundo enfrenta: a pobreza e a desigualdade sociais podem ser muito mais danosas que um pretense choque civilizacional.

Em decorrência de sua condição de iniciativa das Nações Unidas, a Aliança atua numa perspectiva multipolar e pretende abordar as fissuras cada vez maiores entre as sociedades, reafirmando o paradigma de respeito mútuo entre os povos de diferentes tradições culturais e religiosas. Para isso, escolheu a juventude como canal preponderante do diálogo que defende.

Os jovens costumam ser protagonistas de importantes reformas e grandes revoluções. Vem deles a maior parte dos protestos contra condições sociais insatisfatórias. Huntington lembra que *“já foi dito que a Reforma Protestante é um exemplo de um dos mais destacados movimentos de jovens da História”* (HUNTINGTON, 1996, p.145). O Professor corrobora a importância do investimento na educação para a paz junto à juventude, quando cita a declaração do príncipe herdeiro Abdullah, dada em 1988: “a maior ameaça para a Arábia Saudita é o crescimento do fundamentalismo islâmico entre os jovens”. Embora a questão do fundamentalismo seja igualmente objeto de conceituação polêmica, o que importa é reconhecer que são os jovens que possuem a motivação de construir - ou reconstruir - um futuro de maior harmonia entre as civilizações. Nesse sentido, a AoC está no caminho certo.

2.1. QUATRO BASES SUSTENTAM MELHOR UMA MESA

Propiciar educação ampla e de melhor qualidade, dialogar com os jovens, atentar para as políticas de migração como fator de pacificação entre os povos e usar a mídia em favor do diálogo para a paz: eis os eixos de sustentação da Aliança de Civilizações. A Aliança compreende assim a forma de construir novas bases de relacionamento entre os povos. A esse favor, as Nações Unidas reconhecem também que o combate à pobreza e à desigualdade econômica são mandatários para a consecução dos objetivos do projeto. Ainda uma vez, o fator econômico não pode ser negligenciado.

Uma educação de qualidade - incluindo o ensino da cidadania, responsabilidade e de iniciativa cívica - deve ser uma prioridade. Pessoas com mais baixo nível intelectual são mais propensas a ser influenciado por extremistas. *“Particularmente, a educação, os jovens, os meios de comunicação e as políticas de migração podem ocupar uma*

função crítica para ajudar a reduzir as tensões interculturais e criar pontes entre as comunidades” (UNAOC, 2006).

O ensino religioso é também visto como uma área prioritária. Ele permitiria um mais amplo e adequado conhecimento sobre a diversidade religiosa existente no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo que revelaria os pontos convergentes entre as doutrinas religiosas. Educação em direitos humanos também está em foco na AoC.

O Relatório do Grupo de Alto Nível da AoC que antecedeu os fóruns realizados advoga que a educação não convencional pode desempenhar uma função mobilizadora, chave para o alcance dos objetivos do projeto. *”A educação cívica oferece vias para abordar as questões relacionadas à identidade e para incentivar o respeito com a diversidade. As ideologias radicais promovem um mundo de identidades mutuamente excludentes”* (UNAOC, 2006). O conhecimento e respeito a outras culturas e outras idéias estimulam a criação de valores compartilhados.

Para dar conta do objetivo de investir na educação como mola propulsora para o entendimento intercultural, a Aliança vem desenvolvendo ações e usando tecnologias virtuais. *“A escassa presença de computadores e a falta de acesso à Internet nos países em desenvolvimento – fenômeno conhecido como exclusão digital - aumentam a injustiça social e dificultam o conhecimento transcultural”* (UNAOC, 2006).

No intuito de vencer os obstáculos a esse acesso, a Aliança tem realizado esforços no sentido de criar equipes e espaços eletrônicos que incentivem o diálogo e o entretenimento intercultural. Esse meio de interação é tão importante nos dias de hoje, que a delegação da União Européia acaba de lançar em Pequim um blog em chinês para atingir quase um quarto da população mundial online, que está concentrada na China⁶. O blog é interativo e se concentrará em questões políticas e não políticas, iniciando os leitores chineses no estilo de vida europeu. Trata-se do que vem sendo denominado “Diplomacia Digital”, mostrando que a AoC está abraçando um recurso fundamental no mundo moderno.

⁶ Mais de um terço dos chineses faz uso da Internet.

O recurso mediático é imprescindível à propagação dos projetos da Aliança, além da troca de idéias entre *experts*, líderes religiosos e a comunidade internacional. O intercâmbio de idéias e o respeito à diversidade é o caminho utilizado pela UNAOC para lidar com o medo mútuo, o receio e a ignorância sobre as culturas. Ações mediáticas são essenciais para conciliar culturas e religiões, apontadas como responsáveis por uma série de conflitos culturais e políticos. Este fenômeno inquietante deve ser abordado de forma pragmática. *“Os meios de comunicação, em todas as suas formas, podem servir de ponte entre as culturas e sociedades”* (UNAOC, 2006). O fator comunicação está ligado diretamente à juventude e à forma como ela interage.

A população-foco da AoC são os jovens. Em todas as iniciativas do projeto eles possuem participação fundamental, são sujeito e objeto dos projetos e das discussões. Aos jovens, principalmente, está direcionada a quarta base do projeto. *“O apoio dado à participação dos jovens nos processos de tomada de decisões pode beneficiar toda a sociedade em conjunto, já que estes são uma fonte de idéias inovadoras e oferecem energia para uma troca positiva”* (UNAOC, 2006). O tratamento da imigração como mecanismo de integração e entendimento entre os povos.

A AoC propõe políticas de migração coordenadas, coerentes com a defesa dos direitos humanos, e também voltada para os jovens. Para a Aliança, *“a migração é gerenciada de forma mais eficaz quando as políticas entre os países de origem, trânsito e destino dos imigrantes são coordenadas e coerentes com a legislação internacional em matéria de Direitos Humanos”* (UNAOC, 2006). Isso revela o caráter utópico da filosofia da Aliança, o que talvez justifique o progresso tímido e a atenção reduzida que o projeto tem recebido.

No que respeita à migração, as Nações Unidas consideram que, na dinâmica da migração, todo Estado é ao mesmo tempo um país de origem e de destino de migrantes. *“Em um mundo de fronteiras porosas, de meios de transporte e de comunicação que evoluem rapidamente e de economias globalizadas, as populações são chamadas a influenciarem-se mutuamente”* (UNAOC, 2006).

Essa influência dar-se-ia devido aos movimentos migratórios, o que vem gerando novos desafios para a gestão das cidades, em especial para os países de acolhida. Em

razão da importância concedida pela AoC às políticas e ações localizadas para imigrantes, a Aliança envolve prefeitos e cidades na tentativa de influenciar projetos inovadores de inserção social de imigrantes.

A visão de que, na interpretação da AoC, as fronteiras no mundo atual são “porosas” pode ser alvo de muitas críticas. A Europa atualmente luta contra o uso de costumes islâmicos. Exemplo contundente disso é a proibição da França de símbolos religiosos nas escolas. O Senado francês aprovou uma lei que proíbe o uso de véus islâmicos integrais - a burka e o niqab - em espaços públicos do país. Os direitos das mulheres foi um pretexto para essa decisão. O exemplo segue certa tendência na Europa. Propostas semelhantes, mesmo que com teor parcial, foram aprovadas na Bélgica e na Dinamarca (proibição parcial), e entraram em discussão na Itália, Espanha, Reino Unido, Holanda e Áustria, o que é considerado hostil por quinze milhões de muçulmanos que vivem na Europa.

Este cenário aponta, indiscutivelmente, para um choque entre duas culturas e uma limitação do multiculturalismo. Não é à toa que a Teoria do Choque de Civilizações ainda causa tanta sensação quase vinte anos após a disseminação das idéias huntingtonianas: ela ganha vida a cada ação governamental que limita de alguma forma a integração das culturas. Atento a essa possibilidade cada vez mais crescente, a Aliança de Civilizações tem procurado realizar projetos que atuem diretamente sobre a realidade contemporânea de migração ampla e permanente.

2.2. AÇÕES PRÁTICAS DA UNAOC

A Aliança de Civilizações foi inicialmente coordenada por um grupo de alto nível, composto por vinte pensadores, políticos e intelectuais; dentre eles o brasileiro Cândido Mendes. O grupo examinou a melhor forma a ser dada à Aliança e apresentou suas conclusões em um relatório em 2006. Em 2007, o Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, designou o ex-presidente de Portugal, Jorge Sampaio, seu Alto Representante para a Aliança de Civilizações. Após isso, foi estabelecido, ainda, o “Grupo de Amigos da Aliança de Civilizações”, atualmente formado por mais de cem países e entidades internacionais, do qual o Brasil faz parte.

O Grupo de Alto Nível, desde o início, guiou suas deliberações pelos princípios estabelecidos na Carta das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, salientando que a história das relações entre as culturas não se limita à história de conflitos e enfrentamentos e que o respeito pleno e constante dos direitos humanos é a base sobre a qual se assentam as sociedades estáveis e as relações internacionais pacíficas. *“A integridade desses direitos tem como base seu caráter universal e incondicional”* (UNAOC, 2006).

Advogando o caráter imprescindível da defesa dos direitos humanos, a Aliança de Civilizações toma como universal o respeito a esses direitos, adotando uma postura crítica em relação a esta questão, tanto no Ocidente quanto no Mundo Islâmico. A AoC advoga que dentro do contexto das relações existentes entre as sociedades muçulmanas e as ocidentais, é particularmente aguda a percepção de que existem dois pesos e duas medidas na aplicação do direito internacional e na proteção dos Direitos Humanos. As denúncias de castigos coletivos e matanças seletivas, torturas, prisões arbitrárias, extradições e o respaldo a regimes autocráticos contribuem para aumentar a sensação de vulnerabilidade no mundo, especialmente em países muçulmanos.

No primeiro Fórum da AoC, realizado em Madrid em 2008, foram tratadas as sugestões anteriormente dadas pelo grupo de Alto Nível. As principais iniciativas práticas da Aliança de Civilizações, naquele momento, podem ser assim elencadas:

- Anúncio de uma iniciativa global voltada aos jovens chamada SILATECH, com um investimento de cem milhões de dólares, destinado a iniciativas de emprego para os jovens;
- Lançamento do Mecanismo de Rápida Resposta Mediática (RRMM), com recursos online para propiciar uma lista de peritos globais disponíveis para comentar e dar entrevistas, sobretudo em períodos de grandes crises interculturais e de um centro de informações da AoC;

- Priorização da mobilização transcultural de jovens, por meio do estabelecimento do fundo de solidariedade jovem com o objetivo de proporcionar bolsas de estudo nas áreas de diálogo intercultural e entre diferentes tipos de fé;
- Fundação de uma rede de embaixadores da boa vontade composto de figuras reconhecidas nos campos do esporte, entretenimento, política, cultura e negócios para ajudar a promover o trabalho da Aliança.
- Anúncio de estratégias, transculturais, nacionais e regionais de diálogo entre governos e organizações multilaterais para avançar os objetivos da Aliança em suas respectivas regiões e países.
- Discussões em nível de construção de políticas que salientam a importância para a AoC, tais como o desenvolvimento de iniciativas conjuntas de vários interessados em nível regional no sentido de promover uma melhor compreensão intercultural, e impedindo o aumento de tensões e a ascensão do extremismo;
- Declaração de solidariedade à AoC por diversos líderes religiosos.

O fórum de Istambul, ocorrido em 2009, reavaliou as primeiras medidas adotadas em Madrid e traçou metas futuras que salientavam um esforço mediático da ONU em divulgar a Aliança, envolvendo um leque maior de colaboradores e apontando na direção de novas empresas. Sempre insistindo que é uma ideia errada a de que as culturas são inevitavelmente um campo de batalha, e que estas idéias seriam alimentadas no imaginário coletivo.

O terceiro fórum, realizado no Rio de Janeiro em 2010, abordou questões fundamentais para a AoC, tais como: a criação de uma sociedade inclusiva, baseada no respeito pelos direitos humanos e diversidade; a maneira mais eficaz de se combater intolerância e preconceito; a preocupação com o impacto da globalização sobre o sentimento de pertença e de identidade e como aquela contribui para a redução das divergências; qual é o papel das cidades na prevenção de conflitos entre as comunidades; como se pode capacitar as pessoas com habilidades e as

competências interculturais e que ferramentas são mais eficazes para que crianças e jovens atuem em um mundo cada vez mais complexo e multicultural.

Para o Brasil, a Aliança de Civilizações é assunto de interesse natural, tendo em vista a conformação pluricultural e multirracial do país, marca maior de sua identidade⁷. Apesar de suas características plurais, o Brasil ainda é palco de preconceitos interraciais, o que ressalta que nossos vários povos ainda não são plenamente iguais em direitos. As políticas de ação afirmativa adotadas pelo país nos últimos tempos têm gerado polêmica na sociedade, por ressaltarem a raça em detrimento do poder aquisitivo. No que respeita a problemas de convivência inter-religiosa, eles praticamente inexistem no país, contemporaneamente.

De forma a promover os objetivos do projeto no país, o Brasil desenvolve um Plano Nacional para a Aliança de Civilizações que inclui aspectos de médio e longo prazo, com o propósito de favorecer o conhecimento mútuo e o apreço à diversidade; promover valores cívicos e a cultura da paz; melhorar a integração e a capacitação de migrantes, com especial atenção à juventude e disseminar os objetivos da Aliança. As diretrizes e ações propostas pelo Governo Brasileiro elencam as quatro áreas-foco da Aliança: juventude, educação, meios de comunicação e migrações⁸.

As diretrizes desse Plano levaram em consideração as seguintes diretrizes básicas:

- Respeito, tolerância e igualdade de oportunidades são fundamentais para um mundo seguro e pacífico;

⁷ “O Brasil pode orgulhar-se de ter forjado aos poucos em seu território uma aliança de civilizações duradoura e em funcionamento, decorrentes da contribuição dos diversos aportes étnicos historicamente presentes e da integração de imigrantes provenientes de muitas culturas e regiões do mundo” (PLANO NACIONAL PARA A ALIANÇA DE CIVILIZAÇÕES, Ministério das Relações Exteriores)

⁸ Extraídos do sítio do Ministério das Relações Exteriores.

- A desigualdade, a pobreza absoluta, a persistência de situações de dominação e de injustiça impedem os povos e nações de usufruírem de condições essenciais para a construção de um futuro digno e pacífico;
- A exclusão e a pobreza estão entre as maiores ameaças à civilização. O combate à fome e a redução da desigualdade socioeconômica são fatores indispensáveis para a diminuição de tensões e conflitos;
- As causas e fontes de promoção da intolerância devem ser combatidas com medidas elaboradas em plena consonância com compromissos internacionais e em estrita observância dos Direitos Humanos internacionalmente reconhecidos - universais, inter-relacionados, interdependentes e essenciais à plena vigência da democracia;
- Estado constitucionalmente secular, o Brasil tem a obrigação de tratar com igualdade os seguidores de diferentes religiões e crenças, não podendo interferir na formação espiritual e convicções de cada um;
- Todas as formas de cooperação internacional pacífica são de grande importância para o êxito da Aliança de Civilizações. Estratégias de cooperação com agências da ONU, tais como a UNESCO, o UNICEF ou a OMS, e com outras organizações internacionais e regionais, são indispensáveis para a implementação das ações elaboradas;
- Os meios disponibilizados pela Aliança de Civilizações para a troca de informações sobre experiências exitosas são importantes para se dar seguimento às iniciativas elaboradas e para o seu aprimoramento. A cooperação com o Secretariado da Aliança de Civilizações é de grande importância para o êxito e a sustentabilidade da iniciativa;
- Diálogo e interação com a sociedade civil são fatores indispensáveis para a implementação das ações formuladas no Plano.

Percebe-se que, apesar da nobreza das intenções da Aliança em promover a paz por meio da ação juvenil e do uso da mídia como mecanismo disseminador das suas políticas, a Aliança caminha timidamente, parecendo negar o realismo da atual geopolítica mundial. Seus propósitos são mais reconhecidamente idealistas que realistas.

O Fórum de Madrid foi altamente produtivo, mas os fóruns de Istambul e Rio de Janeiro não foram propriamente inovadores em relação ao primeiro. Apesar dessas limitações a Aliança tenta avançar em outras frentes. Além dos encontros mundiais que produz, a UNAOC realiza estudos e pesquisas relativos ao tema “Choque Civilizacional”. Um desses estudos enfatiza a grande divisão entre o Ocidente e o Mundo Islâmico, citando a Teoria do Choque e mostrando como o sentimento anti-islâmico na Europa é maior do que o sentimento anti-ocidental no mesmo continente.

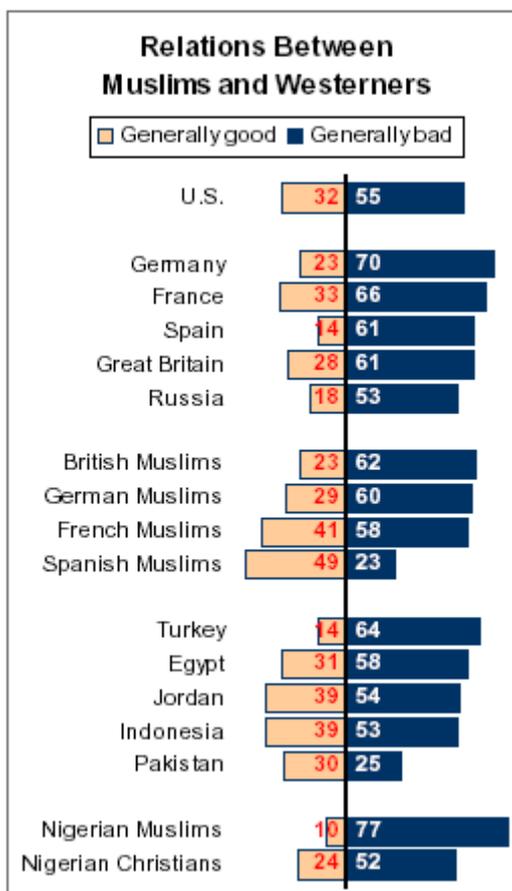


Figura 1: Relação entre muçulmanos e ocidentais. (Fonte: Site UNAOC).

O mesmo estudo aponta que os muçulmanos costumam ver – não importando em que lugar estejam – as relações entre ocidentais e muçulmanos como ruins e que

atributos tais como tolerância, generosidade e respeito pelas mulheres têm menor valor no Ocidente. Diversamente, os muçulmanos na Europa estão menos inclinados a ver um choque de civilizações entre Islã e Ocidente que outros povos residentes na Europa. Este público também nega exista um conflito entre a modernidade e a devoção do muçumano.

Huntington localiza uma relação estreita entre modernização e política mundial. *“Esporeada pela modernização, a política mundial está sendo reconfigurada segundo linhas culturais”* (HUNTINGTON, 1996, p. 153). Os países com culturas parecidas estão se juntando e os países com culturas diferentes estão se afastando. As políticas restritivas da Europa na direção dos costumes islâmicos atestam essa assertiva, reafirmando que, de alguma forma os valores das duas culturas ainda são fator importante de discórdia. Haveria um temor do Ocidente em perder sua importância cultural no decorrer do tempo?

O Professor de Harvard aponta que o Ocidente está em declínio, apesar desse processo se apresentar lento e irregular *“com pausas, inversões e reafirmações do poderio ocidental”* (HUNTINGTON, 1996, p. 99). Mesmo assim, Huntington advoga que as sociedades democráticas abertas do Ocidente têm uma grande capacidade de renovação, o que faz pensar que os valores ocidentais continuarão a influenciar o Islã e as outras culturas, mesmo que parcialmente.

2.3. OS VALORES OCIDENTAIS DA ALIANÇA

Mesmo atuando na busca de resultados efetivos para uma conciliação entre as civilizações ou culturas díspares, nota-se facilmente nas proposições da Aliança de Civilizações a reafirmação de valores que lembram melhor as tradições ocidentais. Essa ocidentalização dos valores utilizados pelo projeto das Nações Unidas será um empecilho para o avanço e aceitação do projeto em nível mundial?

Desde a morte do Profeta, a história do mundo árabe não é propriamente sinônimo de democracia, defesa dos direitos humanos e liberdade de expressão, valores reconhecidos como ocidentais. O exercício de condutas autoritárias, a restrição da

liberdade (inclusive religiosa) identifica-se mais facilmente com a cultura islâmica do que com a cultura ocidental. É inegável que a tradição democrática grega – mesmo com sua proximidade com o oriente médio – deixou mais herdeiros no Ocidente, não tendo alcançado até hoje uma aceitação purista entre os povos islâmicos.

Os valores e costumes árabes dificilmente permitirão, em curto prazo, a introdução de uma “poliarquia”⁹ na parte do Mundo Árabe que se encontra sob abalo político-social. Espera-se uma adaptação de um modelo democrático, amparado pelo Ocidente, sustentado pela melhoria das condições scioeconômicas daqueles povos. A maior dificuldade no alcance de um modelo democrático estável é o entendimento político da população. Este esclarecimento político, mais comumente encontrado nas maiores democracias do mundo, requer níveis adequados de escolaridade, situação socioeconômica, liberdade de expressão, etc. Características inexistentes no Mundo Árabe.

Na história recente da região, a divisão do mundo árabe em células coloniais do ocidente não conseguiu – ou não quis – disseminar o significado dos valores ocidentais acima descritos, quando isso não lhe interessava. A região, rica em recursos naturais altamente necessários no mundo moderno, sempre foi tratada com atenção pelas potências mundiais, que apoiou – de forma direta ou não – as ditaduras que hoje são objeto de revolução. Aliadas ao fator político, a intensa atividade migratória, as consequências da globalização e a alta densidade demográfica vêm suscitando novos anseios naquela região.

Neste lado do mundo, os anseios pela liberdade de expressão, o discurso do cuidado com os direitos humanos e a prerrogativa de se eleger os seus próprios representantes são condições tidas como *sine qua non* para o desenvolvimento humano. Para o Ocidente, esses valores são naturais e mesmo imprescindíveis. Não se sabe se, no transcurso da Revolução e Jasmim, o Mundo Árabe e talvez o antigo Mundo Persa e até a China, adaptarão seus sistemas políticos e econômicos às

⁹ Poliarquia é um conceito introduzido em 1953 por Robert Dahl para e referir a uma democracia representativa moderna, formada por seis instituições: funcionários eleitos, eleições livres, justas e freqüentes; liberdade de expressão; fontes de informação diversificadas; autonomia para associações e cidadania inclusiva.

características ocidentais, com a conseqüente absorção desses valores. “*As inovações de uma civilização são regularmente adotadas por outras civilizações*” (HUNTINGTON, 1996, p.67).

Esse processo de abertura política e econômica já foi vivenciada pelo Leste Europeu após a queda do comunismo. Não se sabe se a Primavera Árabe propiciará movimento semelhante no Mundo Árabe - apesar da influência que a religião islâmica possui sobre o modo de pensar daqueles povos –, ou se haverá o desenvolvimento de um modelo adaptado de liberdade de expressão, democracia e defesa dos direitos humanos ao jeito islâmico de interpretar a sociedade.

CAPÍTULO 3 - O CONTRATO POSSÍVEL

O Oriente Médio e o Norte da África estão em fogo. Neste momento, conflitos localizados em numerosos países da região parecem mostrar que, quase inesperadamente, os povos islâmicos deram início a movimentos pró-democracia, denunciando o autoritarismo e a corrupção locais e fugindo de governos que insistem em desrespeitar os direitos humanos. Os movimentos de fuga das regiões em conflito alertam os países europeus do perigo de uma explosão imigratória, indesejada em um momento em que aquelas nações ainda lutam para se recuperar da crise econômica que abalou o mundo em anos recentes.

A acentuação do conflito deixa uma incógnita sobre o novo desenho político do mundo depois da Primavera Árabe, sobretudo porque, em alguns países em guerra civil, o conflito envolve tribos com posicionamentos políticos diferenciados. Em razão disso, o Ocidente considera que apoiar a queda de governos locais pode colaborar para atizar os conflitos internos já existentes. Esse cenário de explosividade, previsto tanto por Huntington quanto pelos pensadores da Aliança de Civilizações, aponta para um imprescindível e necessário contrato de convivência entre os dois principais eixos civilizacionais.

A construção de uma cultura coletiva, embuída de valores universais, encontra eco tanto na obra de Huntington quanto nos projetos delineados pela UNAOC. A Primavera Árabe se apresenta como uma oportunidade ímpar para testar o futuro dessa construção.

3.1. A REVOLUÇÃO QUE APAZIGUA

Não se pode fugir à “contaminação” positiva ou negativa da forma de pensamento ocidental nas iniciativas da ONU. A grande força decisória da organização provém de países com cultura ocidentalizada. Da mesma forma, no mundo altamente tecnológico do século XXI, não se pode impedir que costumes de culturas alheias sejam objeto de conhecimento, análise e absorção. Essa integração de costumes existe desde longa data e estimula o desenvolvimento dos povos através da constante competição de

idéias e inovações. Apesar desta aparente absorção de hábitos e costumes de ambos os lados, Os Estados Árabes se caracterizam por governos autocráticos, altamente corruptos e displicentes no que respeita à proteção dos direitos das pessoas. Os correntes protestos populares no mundo árabe são reações a essa forma de poder.

Não está claro para os analistas internacionais por que uma revolução inesperada está surgindo no mundo árabe neste momento. Alguns ditadores no norte da África já se preparavam para transmitir o poder a herdeiros diretos, quando uma onda de revoluções explode e parece contaminar a região do OMNA (Oriente Médio e Norte da África). O que causou este movimento? Que situações agravaram a leitura política dessas populações que participam da Revolução de Jasmim? O movimento teria origem somente no desconforto econômico que tem atingido o povo do OMNA, de forma implacável?

Embora desde algum tempo a situação demográfica venha sendo objeto de preocupação no norte da África, os conflitos atuais surgiram a partir de um episódio aparentemente incapaz de causar revoltas em tantos países ao mesmo tempo. As manifestações na Tunísia começaram logo depois do suicídio de um jovem vendedor ambulante que, impossibilitado de continuar pagando propinas aos fiscais, ateou fogo ao próprio corpo. A tragédia do jovem desencadeou os protestos que acabaram por provocar uma onda revolucionária na Tunísia e espalhou-se pelo Mundo Árabe.

O fato da tragédia tunisiana envolver um jovem tem significado muito especial. O peso da responsabilidade sobre a juventude árabe é elevado. Khanna (2008, p. 181) aponta que as responsabilidades chegam muito cedo para o jovem mulçumano, que assume deveres familiares e profissionais com base em suas capacidades físicas, muitas vezes em detrimento de sua maturidade intelectual¹⁰. Essa peculiaridade, aliada a outros fatores tais como elevada inflação no preço dos alimentos básicos,

¹⁰ A taxa de desemprego juvenil é duas a três vezes superior à taxa nacional de desemprego em todos os países. Para os jovens de alguns países com maioria muçulmana o problema é especialmente grave. O Oriente Médio e o Norte da África apresentam a taxa mais baixa de participação juvenil no mercado de trabalho: 40%, comparada com a taxa mundial de 54%. As estratégias para melhorar a participação dos jovens na economia, como a orientação profissional nos estabelecimentos de ensino, as estratégias nacionais de trabalho juvenil e a promoção da criação de empresas por jovens são ferramentas importantes para lutar contra o desemprego juvenil ((UNAOOC, 2006).

más condições de vida e corrupção governamental, acabaram por derrubar o governo da Tunísia. Cenário semelhante enfraqueceu e fez cair o governo egípcio.

É largamente conhecido o desarranjo decorrente da divisão esdrúxula de classes sociais e os arranjos que se constroem por detrás deste cenário de injustiça e de inadequada distribuição de renda. Essas condições costumam chegar a um ponto de combustão geradores da revolta necessária e inadiável, onde mesmo a vida perde seu valor em favor das conquistas sociais. Cenário semelhante foi vivido pela Europa do século XVIII, no advento da Revolução Francesa. Aquele capítulo da história da humanidade gerou benefícios em muitas áreas da vida humana, servindo ao mesmo tempo como aviso de que tudo tem limite e de que os abusos sofridos por um povo podem gerar revoltas incontroláveis, surgidas a partir de um momento qualquer, nem sempre previsível.

Não há dúvida entre os analistas que o fator econômico teve influência preponderante sobre os eventos que estamos vivenciando. Outros desdobramentos surgiram do conflito no Mundo Árabe: o agravamento das guerras civis e o avivamento das disputas entre tribos, principalmente na Líbia. Os dirigentes dos países da região estão deixando o poder com maior ou menor facilidade. No momento em que escrevo estas linhas são constatadas revoltas em outros países árabes, sendo que os conflitos de maior gravidade se dão entre os líbios. Nesse país, uma intervenção das Nações Unidas foi aprovada e está em plena execução.

O significado e mesmo o futuro da Revolução no Mundo Árabe são ainda uma incógnita, mas reforçam a pertinência da Aliança de Civilizações e alertam para o perigo de que a intervenção das Nações Unidas na Líbia possa provocar uma oportunidade de guerra entre o Ocidente e o mundo islâmico.

Mais do que nunca os valores de ambas as culturas estão sendo confrontados e postos em cheque. Seguir-se-á à Primavera Árabe um conflito cultural, um movimento de absorção dos valores ocidentais, ou um meio termo aos dois cenários apresentados. O desenrolar desses eventos dependerão do envolvimento das grandes e médias

potências mundiais e dos seus interesses econômicos em uma área estratégica para a produção de energia.

Seja qual for o resultado dos conflitos no Mundo Árabe, será necessário a curto ou médio prazo um contrato civilizacional que permita o convívio das civilizações. Esse contrato definirá e consolidará o que alguns denominam como “valores universais”. Valores advogados ao mesmo tempo por Huntington e pela Aliança, e que estabeleçam a base de um contrato pela paz.

3.2. UMA ALIANÇA COM HUNTINGTON

O conflito entre a civilização cristã e a civilização islâmica não nasce de suas diferenças, mas de suas semelhanças. Ambas as culturas se diferenciaram das outras civilizações descritas por Huntington pelo número de seguidores que possuem, pela influência e o poder que tiveram, ou ainda pela herança cultural e religiosa que deixaram. Essa linha de identificações entre as duas culturas, ao mesmo tempo em que as aproxima, as afasta, repetindo o mesmo jogo de forças que movem os seres humanos. Quando duas religiões semelhantes em importância - historicamente contemporâneas e geograficamente adjacentes - reivindicam supremacia sobre a fé do homem, o conflito é inevitável. A esse propósito, o Brasil tem muito que comemorar em termos de união religiosa.

Isso não significa dizer que as características que separam as culturas não permitam a aceitação de novos valores, ou que estas se comportem como blocos monolíticos imutáveis. Muito menos que valores tais como democracia, igualdade de gênero, liberdade de expressão e respeito aos direitos humanos sejam proibitivos no imaginário do muçumano, ou que sejam aceitos apenas pela civilização ocidental.

Para Huntington, um mundo multicultural é inevitável e necessário. *“A preservação dos Estados Unidos e do Ocidente requer a renovação da identidade ocidental. A segurança do mundo requer a aceitação da multiculturalidade global”* (HUNTINGTON, 1996). A propósito da questão da sobrevivência das civilizações, o autor do paradigma civilizacional assinala que os empréstimos tomados entre as civilizações melhoram

suas possibilidades de continuarem existindo¹¹. Em outras palavras, multiculturalidade é igual a sobrevivência, embora implique também um contrato de aceitação mútua que garanta a existência de valores compartilhados. Valores que sejam suficientemente alicerçados para se sobreporem à pressão sobre as condições de subsistência que agora é observada em toda parte, e que tende ao agravamento, alimentada por conflitos entre os povos. Esses valores têm que sobrepujar o que há de mais caro nas duas civilizações: o apego à identificação com base na identidade religiosa, mesmo que esta se apresente de forma subliminar. Isso não exclui o protagonismo da política e da economia na construção da boa convivência. É nesse sentido que a UNAOOC chama atenção sobre os fatores político-econômicos do mundo contemporâneo e os credencia como os mais problemáticos para a consecução da paz.

A multiculturalidade, advogada por Huntington, não é peça acessória para a Aliança de Civilizações. Ela é expressa pela preocupação da AoC em direcionar seus esforços na disseminação das diversas culturas e da aceitação mútua, oportunizando aos jovens a construção desse multiculturalismo. A pretensa defesa extrema de valores domésticos exemplificada nas proibições européias de tradições islâmicas não será suficiente para frear a “osmose” cultural que avança *pari passu* com a globalização e que tem acontecido no decorrer da história de ambas as civilizações.¹²

“A diversidade cultural e civilizacional contesta a crença ocidental – e particularmente norte-americana – da relevância universal da cultura ocidental” (HUNTINGTON, 1996, p.394). O Professor de Harvard sustenta veementemente que essa crença ocidental de superioridade é *“falsa, imoral e perigosa”*. Mesmo sustentando pressupostos valorativos mais facilmente identificados com o Ocidente, a Aliança ressalta a necessidade de dar a real dimensão da importância de cada cultura,

¹¹ Quase todas as civilizações não-ocidentais do mundo existem há pelo menos um milênio e, em alguns casos, há vários milênios. Elas demonstraram um índice de empréstimos tomados de outras civilizações cujo objetivo é melhorar suas próprias condições de sobrevivência (HUNTINGTON, 1996, p.92).

¹² Historicamente, os judeus e os cristãos que estavam sob o domínio muçulmano desfrutavam de ampla liberdade para praticar sua religião. Muitos chegaram a ocupar cargos políticos importantes, e especialmente os judeus buscaram refúgio nos impérios muçulmanos, em diferentes épocas, para fugir da discriminação e da perseguição. Similarmente, nos últimos séculos, a evolução política, científica, cultural e tecnológica do Ocidente tem influenciado, em numerosos aspectos, a vida das sociedades islâmicas: muitos muçulmanos decidiram migrar para países ocidentais, em parte por causa das liberdades políticas e oportunidades econômicas que oferecem. (UNAOOC, 2006)

envolvendo universidades e centros de pesquisa na promoção de publicações procedentes do mundo muçulmano, abordando temas relacionados com o mundo islâmico. Para a AoC, ressaltar a riqueza de cada cultura é um importante caminho para a promoção do respeito mútuo. Para Huntington e para a ONU, mesclar valores é o único caminho que pode levar à sobrevivência das civilizações. Está feita uma Aliança não escrita.

3.3. UMA CIVILIZAÇÃO UNIVERSAL

Todas as civilizações passam por processos análogos de surgimento, ascensão e declínio. Elas são substituídas por unidades mais evoluídas, mais adaptadas a cada momento no tempo da humanidade. É esse processo de nascimento e morte que se configura como pano de fundo das “lutas civilizacionais”, melhor descrita como conflito de idéias. Essas lutas refletem o medo dos homens de perderem reconhecimento e, em consequência, o poder que vem junto com aquele.

Ao escrever “O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”, Huntington parece dar-se conta de que o futuro da paz e o futuro das civilizações – e a própria sobrevivência do mundo - dependem da compreensão e da cooperação entre os líderes políticos, espirituais e intelectuais. Somente um acordo amplo entre os povos pode garantir a construção de novos referenciais para o todo, não mais particularizados em cada parte. Esses referenciais não são outra coisa que os valores que sustentam os povos e as nações.

A esta altura podemos nos perguntar quais são os valores ocidentais e quais são os valores islâmicos com características puristas¹³. Também é elemento de dúvida, se os valores puristas prevalecerão em cada tipo de civilização e se eles serão, impreterivelmente, fonte de conflito.¹⁴

¹³ Ao resenhar Zakaria, Gehre Galvao advoga que o autor se dedica a construir cenários futuros mediante um discurso de ilegitimidade e desincentivo do uso da força e da violência, ao mesmo tempo em que exalta valores morais universalmente aceitos.

¹⁴ O aspecto cultural continua importante, como sempre o foi. Talvez em uma época em que sociedades, nações e indivíduos buscam desesperadamente suas identidades, importe até mais do que em outros momentos da história humana. Mas isso não implica a sua centralidade e o desprezo aos aspectos econômicos, territoriais, humanos (nem sempre confessáveis) e ideológicos. Isso não

Durante todo este trabalho procuramos desenvolver o raciocínio de que os valores são o que mais caracteriza uma cultura; mais ainda que a religião - plataforma de Huntington¹⁵. Apesar desta leve discordância – já que valor e religião são conceitos que se mesclam – caminhamos na mesma direção idealizando uma pretensa Civilização Universal.

A obra do Professor de Harvard confirma a necessidade da aceitação de valores comuns ao Ocidente e ao Islã, identificados como universais. Na ótica ocidental, democracia, direitos humanos, inclusão econômico-social (traduzida em melhores condições de vida), assim como a livre expressão, deveriam ser anseios de qualquer cultura, mesmo que tenham que forçosamente sofrer adaptações pontuais de acordo com a maturidade de cada nação e a gravidade das crises políticas, econômicas e sociais a que estejam sujeitas.

Mesmo que a democracia não seja, por alguns, reconhecida como um valor universal e seja por estes, adjetivada como ocidental, nossa perspectiva é de que democracia e liberdade deveriam ser sinônimos perfeitos; ou seja, deveriam expressar a mesma virtude, o mesmo valor, pois a primeira não existe sem a segunda. Assim, advogo que se todos os povos querem liberdade, também desejam a democracia, ocidentalizada ou não.

A tratativa possível entre o Islã e o Ocidente não pode prescindir do conforto material de todos os povos, do livre e igualitário acesso a todas as formas de riqueza, da *“modernização que envolve industrialização, urbanização, níveis crescentes de alfabetização, educação, riqueza e mobilidade social e estruturas ocupacionais mais complexas e diversificadas”*¹⁶ (HUNTINGTON, 1996, p. 81). Esse acesso comum a todas as formas de riqueza implica a não marginalização de uma ou outra cultura,

apenas impede uma melhor compreensão como, como visto, pode nos trazer de volta fantasmas que imaginávamos extintos (UNAOC, 2006).

¹⁵ Todas as religiões dão às pessoas uma sensação de identidade e de rumo na vida. (HUNTINGTON, 1996, p. 119)

¹⁶ Huntington assinala que de um modo geral, a modernização melhorou o nível material de Civilização em todo o mundo, mas põe em dúvida que ela tenha melhorado as dimensões moral e cultural das civilizações (HUNTINGTON, 1996, P. 409)

significado um jogo de ganha-ganha. Mesmo que essa proposição signifique uma aberração dentro da visão realista, sem ela nunca acontecerá qualquer forma de contrato.

Um contrato civilizacional é mais que necessário; é imprescindível em um mundo onde a modernização tecnológica, política e social faltam à maior parte do Mundo Árabe, e onde os recursos energéticos que respondem por grande parte da produção industrial faltam ao Ocidente. Mesmo que as carências de ambos os lados sejam um dia supridas, outras dependências surgirão, oportunizando motivações para o conflito. É assim que tem caminhado a humanidade, mostrando que as guerras têm sido circunstâncias mais comuns que a paz.

CHOQUE DE CONCLUSÕES

O momento em que vivemos é tão imprevisível quanto histórico. Uma revolução ampla, dotada de sincronia, iniciada e estendida na maior parte do Mundo árabe, era impensável até um ano atrás, embora sinais de perigo iminente tenham sido detectados.

A política mundial está sendo reconfigurada seguindo não somente as linhas culturais e civilizacionais – como propôs Huntington -, mas, sobretudo, seguindo as linhas valorativas. Valores que garantam a sobrevivência e a vida das pessoas estão em jogo. Na falta de condições dignas de sobrevivência por falta de sustentabilidade econômica, política ou social no Mundo Árabe, assistimos a uma união - mesmo que temporária - entre o Ocidente e o Islã. Esta frágil união está consubstanciada no suporte militar que o Ocidente está dando aos rebeldes do OMNA, no sentido de depor os líderes indesejados pela população dos países desta região. Neste momento, percebe-se certo cuidado por parte do Ocidente, de modo a evitar as desastrosas conseqüências que sua intromissão no Iraque e no Afeganistão causou. Nestas regiões, até mesmo funcionários da ONU foram e estão sendo assassinados.

Os povos clamam cada vez mais não somente pela sobrevivência econômica, mas igualmente pela sobrevivência da dignidade humana. Pouco a pouco, mesmo que não haja correspondência direta entre o nível cultural de um grupo de indivíduos e o nascimento de revoluções, assistimos a um despertar político surgido do sofrimento; das condições indignas; do sentimento amplamente conhecido de ver elites políticas agredir as pessoas com a acumulação indevida de bens públicos que deveriam ser partilhados por todos. Essas contingências são objeto de ação da Aliança de Civilizações e de alguma forma foram previstas também por Huntington.

Um mundo re-conformado deve surgir a partir dos episódios da Primavera Árabe e embora seja ainda muito cedo para prever o seu resultado exato a médio e longo prazo, ela deverá dar frutos em muitos aspectos da vida humana, em menor ou maior grau do que aconteceu durante o Século das Luzes. Muitas interpretações foram - e ainda hoje são dadas - para explicar as razões da Revolução Francesa e até mesmo o

período exato a que ele se limitou. É segredo de polichinelo o significado daquela revolução para a evolução do mundo. Atrevo-me a dizer que a Primavera Árabe também não será pobre em significado e importância para a humanidade. Idéias, todos têm direito a elas.

As idéias do Professor de Harvard ainda incomodarão por algum tempo, como tem acontecido por quase vinte anos. Delas surgiram toda uma estrutura, toda uma iniciativa das Nações Unidas voltada à desconstrução da idéia do choque civilizacional, provando o quanto elas ainda são fortes e inquietantes. A própria existência do projeto das Nações Unidas traduz a necessidade de uma aliança entre os povos para se contrapor ao choque. Utopia? Idealismo? Contrato? A conjuntura mundial de interdependência múltipla ainda não nos permite fechar questão sobre qualquer uma dessas hipóteses.

A crítica mais significativa contra Huntington sempre foi o relativismo com que tratou o fator econômico envolvido nos conflitos entre os povos, “secundarizando” sua importância. Interpretações à parte, temos que admitir que diante de um cenário onde a variável econômica fosse ideal, os conflitos reemergiriam por outras razões. É parte da natureza humana a necessidade de confrontação, de contrapor opiniões e de garantir certa fatia de poder de decisão. É uma forma de se obter reconhecimento. Tendo em vista que as nações se comportam como as pessoas, é provável que, na falta de um pretexto econômico, os conflitos teriam no fator cultural uma importante fonte de desavenças. Não importa que modelo teórico se abrace.

Uma teoria é boa quando ajuda a compreender o mundo e a estruturar o conhecimento, nem que seja durante um período determinado no tempo. A essa altura, não se pode negar que a cultura seja um fator agregador da mais alta importância. Em um cenário ideal de perfeita igualdade entre os povos, ainda assim, o conflito teria um lugar garantido na convivência entre as nações. Nesse caso, para o bem ou para o mal, Huntington estaria certo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALI; Tarik. **Em nome do "choque das civilizações"**, Recuperado em janeiro, 10, 2011, de <http://www.paginavermelha.org/guerra/lmd-choque.htm>
2. AMORIM, Alexandre Santos. **A globalização do radicalismo islâmico – um estudo de caso da Al Qaeda sob a luz do choque de civilizações**. Orientador: Maria Helena de Castro Santos. Brasília: UnB, 2008. Dissertação: (Mestrado em Relações Internacionais)
3. DAHL, Robert A. **Sobre a Democracia**, Brasília, Editora UNB, 2009.
4. DIAS, Tatiana Silva de Almeida. **O Choque de Civilizações na Política Internacional Contemporânea**. Orientador: Ana Flávia Barros-Platiau. Brasília: UnB, 2008. Dissertação: (Especialista em Relações Internacionais)
5. FERABOLI, Sílvia. **Relações Internacionais do Mundo Árabe (1954-2004): Os Desafios para a Realização da Utopia Pan-arabista**, Recuperado em janeiro, 10, 2011, de <http://www.scielo.br/pdf/cint/v29n1/a03v29n1.pdf>
6. GALVAO, Thiago Gehre. **Resenha de The post-american world**. Recuperado em janeiro, 10, 2011, de <http://mundorama.net/2009/07/27/resenha-de-the-post-american-world-de-fareed-zakaria-por-thiago-gehre-galvao/>
7. HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**, 1ª ed., São Paulo, Companhia de Bolso, 2007.
8. HUNTINGTON, Samuel H. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1996.
9. KHAN, Inayatullah. **Clash of Civilizations**. Disponível em jan., 5, 2011, de http://www.qurtuba.edu.pk/thedialogue/The%20Dialogue/3_4/03_inayat_ullah.pdf
10. KHANNA, Parag. **The Second World: Empires and Influence in the new global order**, 1.a. ed., New York, Ramdon House, 2008.
11. LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
12. SANTOS, Maria Helena de Castro (2010). **O processo de democratização da Terceira Onda de Democracia: quanto pesam as variáveis externas?**. *Boletim Meridiano* 47, 11(115). Recuperado em janeiro 3, 2011, de <http://seer.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/467/281>
13. TELLES, Edward. **Os mexicanos-americanos e a nação americana Resposta ao professor Huntington**. Recuperado em janeiro, 5, 2011, de <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a08v18n2.pdf>

14. ZAKARIA, Fareed. **The Post-American World**, New York: W.W. Norton & Company, Inc., 1.a. ed., New York, 2009.

Sites Consultados:

1. <http://pewglobal.org/2006/06/22/the-great-divide-how-westerners-and-muslims-view-each-other/>
2. <http://www.pluricom.com.br/forum/uma-critica-a-tese-do-choque-de-civilizacoes>
3. <http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Alianca/pt-br/file/Relat%C3%B3rio Grupo alto N%C3%ADvel.pdf>
4. <http://www.aliandecivilizacoes.mre.gov.br/pt-br/>
5. http://diariodigital.sapo.pt/dinheiro_digital/news.asp?section_id=3&id_news=155680

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relação entre mulçumanos e ocidentais.

Pág. 30